

## LETRAMENTO LITERÁRIO E RACIAL: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO LEITORA NO CONTEXTO DA CLASSE HOSPITALAR COM “O CABELO DE CORA”

LITERARY AND RACIAL LITERACY: AN EXPERIENCE IN READING TRAINING IN THE CONTEXT OF THE HOSPITAL CLASS WITH “O CABELO DE CORA”

Ivone Silva de Jesus<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3608-2979>

[ivonesj2@hotmail.com](mailto:ivonesj2@hotmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho emerge como reflexão propositiva acerca da temática sobre o letramento literário e racial no contexto da docência exercida na classe hospitalar cuja atividade de contação de história é parte integrante do processo de formação leitora. Aqui traremos um breve recorte de uma atividade de contação de história, destacando a obra literária “O cabelo de Cora”, desenvolvida a partir do projeto pedagógico “Letramentos sociais em curso: reflexões sobre a (in)diferença”. A partir da fruição desta obra literária e de uma imersão reflexiva pelos nossos estudantes ratificamos a importância do desenvolvimento de uma formação leitora implicada com a temática da diversidade e da diferença, como caminho para uma convivência plural e para um reconhecimento das diversas identidades, e, mais, especificamente, nesse contexto, numa contínua tentativa de desestimular práticas racistas na contemporaneidade. Para tanto, ao longo de nosso relato, agregamos constructos teóricos acerca de conceitos como: *letramento literário/racial, formação leitora, classe hospitalar e contação de história*.

**Palavras-chave:** Letramento Literário. Letramento Racial. Formação Leitora. Classe Hospitalar. Contação de História.

**Abstract:** The present work emerges as a propositional reflection on the theme of literary and racial literacy in the context of teaching in the hospital class, whose storytelling activity is an integral part of the reader formation process. Here we will bring a brief clipping of a storytelling activity, highlighting the literary work "Cora's Hair", developed from the pedagogical project "Social literacy in progress: reflections on (in)difference". From the fruition of this literary work and from a reflective immersion by our students, we ratify the importance of developing a reading formation involved with the theme of diversity and difference, as a path to a plural coexistence and to the recognition of different identities, and, more specifically, in this context, in a continuous attempt to discourage racist practices in contemporary times. To this end, throughout our report we add theoretical constructs about concepts such as: literary/racial literacy, reading training, hospital class and storytelling.

**Keywords:** Literary Literacy. Racial Literacy. Reader Training. Hospital Class. History Telling.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora em exercício pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador (Classe Hospitalar e Domiciliar) e pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia (AEE - DEF. VISUAL).

## INTRODUÇÃO

Ao intentarmos uma reflexão propositiva, fecundante e implicada é importante anteciparmos os diálogos que se darão daqui por diante. Tendo como fio condutor o eixo “Leitura, Literatura, Contação de História e Formação Leitora” nos debruçamos sobre o desafio da formação leitora que compreendemos ser imanente à docência nos seus contextos escolares e não escolares, nesse sentido, dialogar com as categorias conceituais *letramento literário*, *letramento racial*, *formação leitora* e *contação de histórias* também conforma estas à prática pedagógica no contexto da classe hospitalar e ao transcorrer de nosso relato.

Destacamos, então, a obra literária *O cabelo de Cora*, incluída em nosso projeto pedagógico “Letramentos sociais em curso: reflexões sobre a (in)diferença”. A partir da fruição desta obra literária e de uma imersão reflexiva pelos nossos estudantes ratificamos a importância do desenvolvimento de uma formação leitora implicada com a temática da diversidade e da diferença como caminho para uma convivência plural e para um reconhecimento das diversas identidades, e, mais especificamente, nesse contexto, de uma contínua tentativa de desestimular práticas racistas na contemporaneidade, germinada por gestos leitores críticos.

A contação de histórias é também parte essencial no processo de formação leitora e este, por sua vez, é extensão pulsante do fazer pedagógico, seja no chão da escola, seja no contexto da classe hospitalar, uma vez que o:

[...] direito à educação se expressa como direito à aprendizagem e à escolarização, traduzido fundamental e prioritariamente, pelo acesso à escola de educação básica, considerada como ensino obrigatório, de acordo com a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 2002, p. 09).

Este acesso, porém, pode, circunstancialmente, ser interrompido pela necessidade de cuidados com a saúde, o que interfere na permanência escolar ou mesmo nas condições de construção de conhecimentos, impedindo, inclusive, a frequência escolar temporária, quando não permanente. Diante de tal impossibilidade, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a 9.394/96 prevê formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino, bem como formas alternativas de organização deste em virtude de condições e limitações específicas de saúde.

Dessa forma, o estado de adoecimento e o direito à saúde conformam, então, a inclusão da pessoa, em processo de internamento, na classe hospitalar:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p. 13).

A classe hospitalar abrange estudantes da educação básica: compreende estudantes da Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, além da Educação de Jovens e

Adultos que estejam matriculados ou não no ensino regular. Essa forma alternativa de acesso e organização ao/do ensino tem como objetivo precípua:

[...] garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral (BRASIL, 2009, p. 13).

A classe hospitalar é, no tocante ao direito à educação, essencial à ampliação e universalização do atendimento escolar, por isso se faz necessário abordá-la em sua denominação como forma de germinar o relato que seguirá daqui por diante, afinal, é o nosso contexto de atuação docente.

## **CONTEXTO DE ATUAÇÃO DOCENTE NO ÂMBITO DA CLASSE HOSPITALAR**

Nosso contexto de atuação docente se materializa pelo atendimento pedagógico realizado com crianças e adolescentes pertencentes, respectivamente, à Educação Infantil e aos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. A docência acontece em uma unidade hospitalar, na cidade de Salvador, na enfermaria pediátrica, em leitos ou na própria sala de aula disponibilizada especificamente para as aulas. Nosso público compreende crianças e adolescentes oriundos de cidades do interior da Bahia ou da capital, Salvador, matriculados ou não na rede escolar pública/privada de ensino.

A organização da classe hospitalar na rede municipal de ensino<sup>2</sup> de Salvador compreende os núcleos de clínica médica e cirúrgica, oncologia, hemodiálise e música. A atuação docente ocorre de acordo ao calendário letivo instituído para toda a rede municipal de ensino. A equipe é composta por professoras e professores efetivos que tenham especialização em Educação Especial na perspectiva inclusiva.

A realização das aulas em sala destinada a esse fim acontece quando há liberação da equipe médica e de enfermagem: nossa rotina pedagógica diária é iniciada com a identificação dos estudantes-pacientes, suas respectivas idades e consulta à equipe de plantão para checagem do quadro patológico (enfermidade, tratamento, condições de locomoção) e posterior liberação para ida à sala de aula (individual ou em duplas da mesma enfermaria). Caso não haja condição de locomoção face à medicação (acessos venosos, usos de bomba de infusão,) ou mesmo à condição de saúde (riscos de queda, quadros de paraplegia/tetraplegia, protocolos de isolamento por risco de contágio direto/indireto) as atividades são realizadas no próprio leito, de forma individual ou coletiva (esta última apenas na enfermaria). Nosso grupo de atuação é o da clínica médica que compreende crianças e adolescentes com enfermidades diversas.

Após a liberação da equipe de plantão, é feito um breve cadastro com dados de filiação, nascimento, endereço, contato telefônico, série escolar, unidade escolar de origem, condição

---

<sup>2</sup> Em Salvador-Bahia, o atendimento pedagógico de classe hospitalar e domiciliar acontece por meio da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce. A escola possui sede própria, mas as “salas de aula” estão distribuídas em unidades hospitalares/domiciliares deste município. A escola tem alunos matriculados e não matriculados, sendo unidade alternativa de acompanhamento do processo de escolarização ou escola de origem dos estudantes atendidos e matriculados na mesma.

patológica que levou à internação e o registro de necessidades educativas específicas decorrentes da condição de internamento ou de deficiências ou demais transtornos de aprendizagem, uma vez que a formação em Educação Especial e Inclusiva é condição para atuação no contexto da classe hospitalar<sup>3</sup>.

## DESLIZANDO NAS ONDAS DO CABELO DE CORA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

A docência na classe hospitalar compreende uma práxis pedagógica que também repercute o desenvolvimento de projetos pedagógicos com temas igualmente trabalhados no âmbito da escola comum: isto porque a dinâmica do processo de escolarização na ambiência hospitalar deve ser balizada pela construção do conhecimento, através de uma oferta didático-pedagógica flexibilizada, estimuladora do retorno aos estudos, bem como de sua continuidade ao longo da vida.

Como já foi dito, nosso projeto pedagógico *Letramentos sociais em curso: reflexões sobre a (in)diferença* tem como uma de suas ações a leitura imersiva-reflexiva da obra literária *O cabelo de Cora*. Essa ação, ao nosso ver, justifica-se pela relação cúmplice e implicada entre a leitura, a literatura, a contação de história e a formação leitora.

Essa relação, por sua vez, compreende uma intencionalidade pedagógica que germina ações de leitura e escrita que vão além da apropriação do código alfabético ou seja, expandem-nas para um uso social da leitura e da escrita tendo também como referencial o texto literário e a temática racial. Nesse sentido, entendemos que ler e escrever não se resumem apenas a habilidades desenvolvidas no decorrer da vida escolar. Ler e escrever são constructos sociais, culturais e históricos que agregam à existência humana aspectos importantes e fundantes, haja vista que também o ato de ler e escrever nos constitui do ponto de vista psíquico, cognitivo e linguístico.

Leitura e escrita são legados pretéritos, presentes e futuros na constituição da espécie humana: nossa capacidade de registrar, argumentar, resgatar, disseminar, duvidar e até mesmo de ressignificar informações e conhecimentos, decerto, nos proporcionou não apenas sobreviver enquanto espécie, mas também enquanto seres históricos que, através das relações e interações, também podem (e devem) intervir na modificação de sua própria realidade.

Nesse sentido, é preciso compreender o quanto o termo *letramento* está ligado à prática docente escolar: entendido como “[...] resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever, estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2001, p. 18) o letramento, como processo, torna-se imprescindível à formação escolar, isto porque a escola, como agência promotora de eventos de letramento, será parte essencial nesse processo, uma vez que será, através da mediação docente, o ambiente propício para potencializar e efetivar a utilização social da competência alfabética.

Essa competência, quando transcende essa condição de aprender a ler e a escrever, decodificando e registrando o código, reforça a condição do letramento: daí a importância desse termo, por este caracterizar quem adquire “[...] o estado ou a condição de quem se apropriou

---

<sup>3</sup> Além da classe hospitalar, o município de Salvador também conta com o atendimento pedagógico domiciliar: que ocorre em residências, casas de passagem, casas de apoio, casas-lar, bem como em outras estruturas de apoio social que são consideradas ambientes domiciliares.

da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam” (SOARES, 2001, p. 19).

Isso significa dizer que não basta tão somente aprender a ler e a escrever, mas fazer o uso destas duas habilidades, visto que, também são decorrentes das necessidades e demandas sociais que ampliam, aprimoram, refinam e especializam nossos modos de ser, estar, compreender e modificar o mundo em que vivemos e a nós mesmos, frutos que somos das relações.

Nessa perspectiva, entendemos que o exercício docente no contexto da classe hospitalar é também uma ambiência propícia à promoção de eventos de letramento, pois, esse paciente vive outras identidades sociais anteriores, ou mesmo concomitantes ao tratamento de saúde: como a de estudante, oriundo de uma dada unidade escolar ou como a de “pessoa letrada”, que mesmo não sendo alfabetizada, pode fazer um uso social da leitura e da escrita ao, por exemplo, folhear livros, revistas, jornais, fingir lê-los, brincar de escrever, ouvir histórias e notícias que lhe são lidas e assim por diante, o que ratifica a ideia de uma percepção da materialidade oral-escrita e de seus usos e funções na sociedade.

Disso decorre a relevância e a intencionalidade pedagógica de nosso projeto aqui referido: germinar e multiplicar situações didáticas de promoção de usos da leitura e da escrita, mantendo o vínculo com a aprendizagem escolar ou mesmo iniciando esse processo, uma vez que o contexto da classe hospitalar pode ser a primeira ambiência escolar deste estudante em tratamento de saúde.

A promoção destes eventos de letramento, ou seja, de situações pedagógicas em que o uso social da leitura e da escrita sejam objeto de ensino reiteram o que afirma Magda Soares (2001) ao explicitar que o letramento é também o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e da escrita. Essas práticas sociais agregam tanto a aquisição da tecnologia de “codificar em” e de “decodificar a” língua escrita, como e, sobretudo, de apropriar-se da escrita para torná-la própria, extensão de si enquanto ser usuário da linguagem como forma de pensamento, comunicação, expressão e intervenção.

Pensando-se em todos esses aspectos já evidenciados até aqui e sublinhando-se estes últimos, entendemos que usar a língua para pensar, comunicar, expressar e intervir é também um caminho para refletir sobre a diversidade humana, atentando-se e respeitando-se as diferenças que caracterizam a nossa existência neste mundo, portanto, aí também opera a relevância de nosso projeto pedagógico: de promover e ampliar a utilização social da competência alfabética convergindo com a temática da diferença.

Esse movimento pedagógico compreende, então, três dimensões de letramento: 1) o letramento alfabético, em que pese a aquisição/aprimoramento da competência alfabética; 2) o letramento literário, em que pese a percepção da literatura, de sua função social, através dos processos de escolarização e 3) o letramento racial, em que pese uma reeducação que desenvolva em nós a capacidade de interpretar e combater códigos e práticas racistas, assim como adquirir e aprimorar conhecimentos linguísticos que auxiliem nessas questões, com vistas ao desenvolvimento de uma postura crítica proativa, advinda de um contínuo processo de formação leitora.

Para nos orientarmos, com vistas à promoção desses eventos de letramento diversos, contamos com o aporte teórico de Cosson (2006) para entendermos o letramento literário

como um aprendizado crítico da leitura literária: cujo encontro com o texto é uma experiência pessoal na qual esse mesmo texto é o princípio, o meio e o fim desta vivência, afinal:

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos (COSSON, 2006, p. 120).

Compreendemos, dessa forma, que a elaboração e a expansão de sentidos, assim como a afirmação ou retificação de valores culturais também podem ser vivificados no âmbito da prática pedagógica na classe hospitalar e serem convergentes com uma formação leitora que contemple não apenas a mera codificação dos textos, mas a formação de uma pessoa leitora “[...] que se apropria de forma autônoma das obras e do próprio processo da leitura, de um leitor literário enfim” (COSSON, 2006, p. 120), portanto, alguém que, a partir da leitura, dialoga com o seu tempo, com o seu espaço e com a sua cultura, experimentando a identificação, a adaptação ou a construção de um lugar para si, ao mesmo tempo em que dá lugar para outros leitores a partir do momento em que se reconhece como parte de uma comunidade universal de leitores.

Nesse sentido, a contação de histórias vincula-se à prática pedagógica como atividade profícua para a ampliação dessa comunidade, logo:

A obra literária, nesse sentido, precisa ser disseminada na perspectiva de uma leitura crítica, de um encontro pessoal com o texto/contexto, que vá além da fruição e encontre lugar (como encontrou para refletir as questões existenciais como a morte, por exemplo) para um novo olhar sobre o tema da diferença (JESUS, 2016, p. 12).

Por outro lado, a atividade de contação de histórias proporciona a redescoberta de si a partir da descoberta do outro, de um outro que também está em nós. As histórias, diante da condição de internamento hospitalar, trazem possibilidades de reconexão com as questões cotidianas, com a vida escolar e com a vida pessoal, vivificando o processo de ensino e de aprendizagem, divertindo, emocionando, despertando e afetando quem as lê ou quem as escuta.

O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiência (MACHADO, 2004, p. 27).

Nesse contexto, entendemos que a Literatura, dada a sua consolidação como campo de conhecimento, assim como a atividade de contar histórias, é também uma forma de celebração da diversidade, e, em consequência, de reconhecimento da diferença, um desafio posto à docência implicada na construção progressiva de um paradigma de sociedade inclusiva, por conta de uma demanda cada vez mais urgente e necessária: a coexistência entre os seres em

suas mais diversas formas de estar no mundo. A urgência desta celebração e, em consequência, desta coexistência, nos é sussurrada a todo instante, daí a importância da intersecção entre o letramento literário e do letramento racial, este compreendido como:

[...] um conjunto de práticas que vai nos ajudar a desconstruir formas racistas de pensar, porque o Brasil foi letrado a partir de um conceito, uma história e uma prática racista. Precisamos ser letrados racialmente para desconstruir e reconstruir esses nossos olhares e opiniões, para podermos pensar em uma educação de libertação baseada em análise crítica. Aí, sim, fazer uma educação antirracista válida e eficaz que vai perdurar (RODRIGUES, 2022, s/p).

Para melhor compreendermos esta intersecção contamos com o aporte teórico da teoria literária trazida por Eagleton (2013) ao discutir o que seja Literatura, cuja materialidade se dá pela linguagem, mas não somente pela forma que se apresenta, portanto, de se considerar, numa outra perspectiva, que a “[...] literatura pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas” (EAGLETON, 2013, p. 09).

Sendo assim, o letramento literário e o letramento racial convergem porque têm a linguagem como núcleo comum, seja oral, seja escrita: é essa linguagem fio condutor da construção, e também da desconstrução, de práticas de indiferença ao “diferente”. A Literatura, ao longo dos tempos, transcende o caráter didático-pedagógico e passa por uma revalorização, haja vista que autores tocam em temas mais profundos, temas da vida (doença, racismo, deficiência, gênero, velhice, política, entre outros) e que são parte inerente à diversidade humana.

Cora, uma menina preta, com os seus cabelos crespos, sua “coroa”, nos acena e nos convida a conhecer sua história. Esta obra, apresentada em forma de poesia, escrita por Ana Zarco Câmara e ilustrada por Taline Schubach suscita reflexões sobre o corpo negro em uma de suas características historicamente estigmatizadas: o cabelo. Aqui pensamos a Literatura como metáfora social: para que sua leitura seja tratada como ato cultural, político e coletivo.

Uma colega da escola, Mirian, sugere que Cora use fita no cabelo “Seu cabelo é cheio/ E muito enrolado/ Por isso ele fica feio/ Sempre bem desarrumado/ Faça como a Bete/ A Joana e a Sofia/ Primeiro você mete/ O cabelo na água fria” (CÂMARA, 2015, p. 08-09). A personagem Mirian ainda reforça que Cora deve pentear o cabelo até ficar bem liso e que deve lembrar sempre dessa “sugestão”.

A oferta desta leitura/literatura aconteceu nas idas aos leitões e na sala de aula. A docente fez a contação de história mostrando o livro, lendo a história e mediando a audição desta com indagações provocativas: “Cabelo enrolado é feio? Cabelo cheio é desarrumado? Cabelo tem que ser sempre liso?”. E as respostas são as mais diversas “Pró, meu cabelo não é feio não!”, “Essa Miriam, sei não viu minha pró!”.

Diante da quantidade significativa de crianças na pediatria e da impossibilidade de estar com todas ao mesmo tempo, a docente também criou um grupo no *Whats App* (com autorização

dos responsáveis) e enviou um link com a reprodução da história no Youtube<sup>4</sup>, assim, após assistirem ao vídeo, a docente pode fazer a mediação através de videochamada, em virtude de algumas crianças estarem em isolamento e não serem liberadas para atividades presenciais.

Outra fala recorrente foi: “Pró, na minha escola já aconteceu isso”. Tal repetição nos confirma a necessidade de um trabalho docente implicado com uma formação leitora intencional, em que pese uma oferta de textos literários que problematizem a manutenção de estereótipos e estigmas, oriundos de processos culturais em que o estranhamento à diferença corporal tenha oportunizado o entendimento desta como fator de exclusão e do quanto é importante a desconstrução desta última. Dessa maneira importa-nos também salientar que nesse processo de formação leitora cabe chamar a atenção para um importante aspecto:

[...] a da relação do professor com a obra literária, seja como leitor, aquele que traz consigo uma história de leitura e a partir dela configura-se como leitor contínuo, para toda a vida, lendo por prazer; seja como leitor-formador, isto é, aquele que constitui práticas de leitura no labor docente, como uma extensão do fazer pedagógico implicado com a leitura da palavra e do mundo, junto a importantes protagonistas no processo de aprendizagem: a criança, o jovem e o adulto (JESUS, 2016, p. 17).

O nosso papel de leitor-formador não prescinde um minucioso olhar docente que antecipe a oferta do texto literário aos leitores em formação isto porque a relação com o ato de ler, tanto numa perspectiva ampla, como numa perspectiva mais específica como é a da leitura do texto literário pressupõe entendê-lo como mais um caminho de descoberta e de compreensão do mundo. As falas de nossos estudantes ratificam essa experiência vicária que a leitura/literatura nos proporciona, uma vez que:

[...] na medida em que nos interessa também como experiência humana, não apenas como produção de obras consideradas projeções, ou melhor, transformações de modelos profundos, a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. [...] é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos (CANDIDO, 1999, p. 82).

Essa experiência humana perpassa também pela função social que a Literatura exerce porque põe em evidência o autor, a obra e a sociedade em que o texto literário circula: concentramo-nos, assim, na obra literária não apenas como estrutura, mas como objeto de conhecimento sobre si, sobre o outro, como síntese e projeção da experiência humana, para percebê-la como um conjunto de textos que possuem “força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1999, p. 82). Essa formação é percebida nas vozes das crianças que nos dizem após a contação de história “Pró, meu cabelo não é feio não!”, o que indica uma autoanálise e uma identificação com a discriminação vivida por Cora.

---

<sup>4</sup> O cabelo de Cora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2s03C1rn-eA>. Acesso em: 04 abr. 2022.



Essa identificação ganha uma maior proporção quando as crianças/adolescentes escutam “Digo isso pois você/ É minha amiguinha/ Seu cabelo é ruim/ Mas você é boazinha” (CÂMARA, 2015, p. 11). Em nossa itinerância pedagógica nos leitões, as expressões de espanto são materializadas pelo franzir da testa, pelo arregalamento dos olhos e por falas contundentes “Pró, não gostei dessa Miriam não viu?!” , “Amiga?! Oxe, minha pró, coisa feia viu!”. Diante dessas reações a mediação docente acontece com a proposição de reflexões trazendo páginas da história, lembrando como as pessoas negras são trazidas ao Brasil e, assim como a população indígena, são perseguidas, escravizadas, discriminadas e estigmatizadas pela sua cultura e pelas suas características físicas. Com o público adolescente, além dessa imersão na história buscamos também o significado de palavras como “racismo”, “preconceito”, “discriminação”, além da repercussão de episódios racistas divulgados pela mídia.

Cora não se cala. Sente diretamente na pele e expressa a dor da discriminação e do preconceito “Tia, me dá um abraço/ Daqueles bem apertados/ Não sei bem o que faço/ Disse com os olhos marejados/ [...] A amiga da escola/ Disse com firmeza/ Que o meu cabelo é feio/ Feio com certeza” (CÂMARA, 2015, p. 14). Ao escutarem essa passagem e observarem a ilustração de Cora tocando o seu cabelo expressando dúvida e mesmo incerteza sobre o que ouvira da colega de escola, percebemos que as crianças e adolescentes, sobretudo, com traços fenotípicos semelhantes, também silenciam por alguns instantes...

Ao longo da história, Cora recorre à sua tia Vilma que, de forma alegre e firme, levanta a autoestima de Cora mostrando o retrato de sua avó Ana, ambas com os mesmos traços fenotípicos de Cora. Tia Vilma exalta a beleza do cabelo de Cora ao dizer “Que cabelo bom/ Não é só cabelo liso” [...] / Seu cabelo é bom/ Bonito e resistente/ Veja só que tom castanho reluzente” (CÂMARA, 2015, p. 16-18). Em nossa mediação docente também exaltamos a beleza das “coroas” que nossas crianças e adolescente possuem e utilizamos como referência a exibição do clipe<sup>5</sup> da canção “Descabelada”, de autoria e interpretação de Aline Barr. Neste clipe aparecem crianças, jovens e adultos com cabelos crespos, cacheados, longos ou curtos, com pouco ou muito volume, além da própria cantora, sempre com alegria e orgulho.

A exaltação da beleza em ser diferente é ratificada ao longo da narrativa poética quando a personagem Tia Vilma reafirma “Cada um tem uma cor/ Cada um tem um cabelo/ Mas seja como for/ Não existe um modelo” (CÂMARA, p. 21), assim, ao alcançarmos esta passagem narrativa-poética agregamos à mediação docente a reflexão sobre a importância do respeito à diferença manifesta na diversidade humana, o que para nós é a afirmação da força humanizadora da Literatura, outrossim, conforme Candido (1999), a reafirmação do texto literário como uma forma de lidar com os impactos da vida, e, em nossa perspectiva, com os impactos trazidos pelo racismo e a efetividade de práticas antirracistas por meio da leitura/literatura/formação leitora/contação de histórias.

Uma outra forma de materializarmos a beleza da coroa de Cora e de nossas crianças e adolescentes foi a proposição do desenho da personagem ou colagem em molduras com o rosto de uma mulher negra com o cabelo semelhante ao de Cora, no lugar do cabelo foram coladas lantejoulas douradas/prateadas para realçar a beleza do cabelo *black*, como cantado por Aline Barr “*black, look* lindo” (canção Descabelada). Sugerimos a escrita de mensagens curtas para

---

<sup>5</sup> Clipe *Descabelada*, de Aline Barr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=juWlJvy9wpQ>. Acesso em: 16 nov. 2022.

Cora: “Cora, você é linda!”, “Cora, não ligue para o que dizem!”, “Cora é muito bonita!” foram alguns dos registros tecidos. Ao propor a escrita de uma estrofe para compor a história destacamos “Cora, não fica triste/ Cabelo ruim não existe/ Seu cabelo é lindo, acredite/ Que bom, você existe!”, escrita por uma adolescente. A exposição deste relato de experiência converge com a ênfase de Lajolo (2002) ao afirmar que compreende a leitura como prática circular e infinita, assim, no que tange à Literatura como agente potencializador de uma formação leitora crítica:

Em movimentos de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula [...] (LAJOLO, 2002, p. 26-27).

Perceber como nossas diferenças “circulam” na sociedade é também um desafio posto à prática pedagógica no contexto da classe hospitalar. Essa percepção converge com a necessidade de um letramento literário e racial, ambos alinhados à uma formação leitora contínua, permanentemente inconclusa, fluída, crítica e combativa a toda e qualquer forma de discriminação e preconceito.

Dessa maneira, a obra literária ganha destaque em nossa atuação docente no âmbito da classe hospitalar, assume o *status* de lugar: universo, dimensão, espaço no qual a criança e o adolescente têm a oportunidade de redescobrir-se através da descoberta do outro, de transitar entre a experiência individual e a experiência do coletivo, no/do mundo que lhes cerca. O texto literário, voz que relata outros modos de dizer a experiência humana, também assume a interpretação do caos moderno (o caos do presente, resultante do desmoronamento das tradições herdadas e do surgimento de novos valores). A contemporaneidade nos acena e nos impele a seguir construindo novos rumos, isto porque:

Na literatura de hoje, no entanto, referências políticas, sociais, culturais ganham multiplicidade e voltam-se à afirmação da diferença e do lugar do outro. O texto literário combina elementos das culturas mais diversas e estabelece entre elas diálogos capazes de romper com a programação e o condicionamento, que por acaso tenhamos, para perceber sempre o mesmo. Assim, um efeito possível das variadas formas de trocas simbólicas na cultura é a percepção pelo sujeito de que seu mundo não é o único, e que o outro – o diferente dele – não é objeto, mas também é sujeito. Sendo assim, por distante que o outro esteja, não será apenas um objeto no foco da informação, mas um interlocutor em diálogo em que ambas as partes se dão a conhecer. De tal modo que, quando um recebe algo do outro, influenciam-se (CADEMARTORI, 2009, p. 53).

Nesse sentido, compreendemos como de extrema importância este olhar contemporâneo sobre a diferença, conectando-a com a leitura, a literatura e a formação leitora, tendo o texto literário como marco que orienta e também é orientado pela pluralidade das

referências culturais, como reitera a própria Cademartori ao dizer que “[...] vivemos tempo de fronteiras franqueadas, convivência de culturas diversas, ausência de centralidade” (2009, p. 53) porque os tempos são outros e os outros somos nós.

É o que buscamos ao longo deste relato: afirmar que o texto literário emerge como um cenário onde exercitam-se olhares recíprocos, numa tentativa de não eliminar o estranhamento que o diferente ainda possa causar, quando não compreendido como parte de nossa existência humana em sua construção social e histórica, mas de não ficar só nele, e, sim, de tomá-lo como ponto de partida para desconstruir a imagem estereotipada fabricada sobre o outro, ressignificando-a através de gestos leitores mediados pela ação docente.

## CONCLUSÃO

Trazer uma reflexão propositiva sobre a importância da convergência da leitura/literatura/formação leitora/contação de história no âmbito da docência na classe hospitalar foi a linha germinal que compôs esse relato. Nos dias atuais, a obra literária, através das mãos que a escrevem e a ilustram, e da voz de quem a dissemina, torna-se uma importante aliada, entre tantos outros meios, no exercício da reflexão sobre nós mesmos e sobre o outro, mais que isso, torna-se uma extensão de uma prática pedagógica implicada, consciente da necessidade efetiva de mudança nos processos de aprender e de ensinar. Gostar de histórias é um ato genuinamente humano. Mas gostar da história no livro é um ato que precisamos estimular nos pretensos leitores que conheceremos ao longo da práxis docente. Temos como desafio levar adiante a importância da obra literária como elemento precípuo à formação docente e discente, na coexistência entre leitor-formador e leitor em formação, cultivando um estado e uma permanente atitude de leitura crítica, emancipadora e inconforme às desigualdades sociais em suas mais variadas manifestações.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a Literatura:** para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Série conversas com o professor)

CÂMARA, Ana Zarco. **O cabelo de Cora.** Ilustr. Taline Schubach. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *In:* CANDIDO, Antônio. **Revista Remate de Males.** 1999, p. 81-90. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/issue/view/200>. Acesso em: 2 nov. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura:** uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JESUS, Ivone Silva de. **Literatura infantil e estigma**: possibilidades de reflexão sobre o corpo “diferente”. Trabalho de Conclusão de curso (TCC)-Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Curso Pedagogia, Salvador, 2016.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MACHADO, Regina. **Acordais. fundamentos teórico-poético da arte de contar histórias**. 1. ed. São Paulo: DCL, 2004.

RODRIGUES, Janine. **Não se faz educação antirracista sem letramento racial**. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2022/08/19/educacao-antirracista-letramento/>. Acesso em 26 nov. 2022.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.